

LEITURA: A SIMETRIA DIALÉTICA

Ezequias Queiroz

Nem sempre ler significa adquirir livros, revistas, freqüentar bibliotecas ou bisbilhotar as prateleiras de uma livraria à cata de títulos, estes, por sua vez, sugeridos por outrem ou simplesmente pelo impacto visual momentâneo que causam. Pode acontecer que isto se traduza numa vaidade como a de manter aparente "status" letrado, para demonstrar que "sabe das coisas", em meio às velocidades e aos sofismas da estratificação social.

Há pessoas, porém, que se ufanam por ostentar uma estante repleta de livros, sem, no entanto, ser um leitor, dado os indícios que apresentam em função do volume físico de leitura; andam com um livro debaixo do braço constantemente, não como um veículo de instrução, senão como depósito de papéis, documentos pessoais, como se o livro fosse uma carteira, uma bolsa. Para tais pessoas, o livro não passa de objeto de mera decoração, a sustentar seus caprichos de vil superioridade exigidos pelo amordacamento da sociedade de consumo, bem ao estilo do fosso do existencialismo, o que, evidentemente, não deixa de ser um "desaire" à evolução da Cultura e da sua consequente utilidade como elemento de lapidação social e moral.

Com freqüência se ouve que ler é coisa de gente ociosa, para quem tempo, relegando o ato de ler a planos secundários ou terciários até, o que gradativamente vai envenenando um contingente cada vez maior com esse apotegma torcionário, vil e irresponsável, que só serve para obnubilar o acesso ao Saber, ao Conhecimento, enfim, o que justifica, literalmente, a escravização do homem diante da lápide da posse, da propriedade, do ter, culminando, infalivelmente, com o desrespeito ao princípio da igualdade, sucumbindo-o, assombrosamente, num funil cármico de interrogações sem respostas convincentes e/ou imediatas.

Não que o livro seja um **guru**, a onisciência, o "produto" final da elaboração do pensamento. É, pela ótica do "ver-para-crer" dos cépticos, um "laboratório" de idéias, posto suscitar dúvidas quanto a sua autenticidade ou não. Daí, talvez, especula-se que isto seja o motivo da evasão, da fuga, da distância do leitor em relação ao livro. Esta tergiversação - ou aversão? -, sem dúvida, está ligada ao que Freud chamou de mecanismo de defesa: medo do novo, por contrastar com sua noção pré-concebida dos valores do seu meio e de si como agente de um processo histórico emergente. Queremos falar do homem enquanto oposição natural da transformação social e cultural.

O livro, também, pela sua peculiaridade, é um "ambulatório", posto que o inquilino da cidade, por força dos desajustes emocionais que o ambiente urbano imprime nas pessoas, através do nervosismo, do estresse, dos aborrecimentos outros, torna-se carente de informação, de consolo, de refúgio espiritual e moral. Nestas circunstâncias, quando não tragado pelos vícios, pela volúpia, pela violência ideológica, recorre ao livro.

Mas, como anátema, um veneno de efeito imediato, senão hipnogênico, a televisão, maior invasora de intimidades, é uma das responsáveis por esse retrocesso, quando ousa confundir, sutilmente, as mentes em formação, incautas, forçando-as a dar crédito à incomplacência, à desfaçatez, à desonra, enfim à inversão de valores. É o rigor do Capitalismo arrivista e truculento querendo impor estas máculas como sendo a normalidade da vida.

Todavia, isto, por si só, já é um ato de leitura - a leitura a nível emocional, conforme a classificação de Maria Helena Martins, em "**O que é leitura**".

Como a **LEITURA** está presa, para a maioria dos leitores - sensoriais, emocionais, racionais -, aos signos lingüísticos, é de se pensar que o ato de **inquirir** o que nos rodeia esteja registrado unicamente nas páginas de um livro, de uma revista, de um jornal; que

apenas na escrita possa se refugiar a perpetuação do pensamento. A escrita, neste caso, é um instrumento de investigação para que possamos saber ler, inclusive, a própria leitura. Uma vilegiatura, portanto, se quisermos aproximar, literalmente, dos desejos e paixões humanos.

Ler, longe da pretensão de definir ou conceituar o termo, é antes de mais nada elaborar, analisar, criar, abordar, desmitificar e/ou mitificar o que se nos apresenta aos cinco sentidos, de maneira criteriosa ou não; quem manda é a fantasia. Cada leitor, valendo-se do livre arbítrio, é um decodificador de uma realidade, e a assimila conforme a sua compreensão - e necessidade -: bem ou mal.

Deve-se ressaltar, porém, que entre **leitores** há aqueles fetichistas sutis, os bibliófilos, portanto, o colecionador de raridades, como se a mera posse dos exemplares lhe facultasse conhecimento, reconhecimento e importância cultural e social.

Diante de tal situação, sem querer melindrar quem quer que seja, os evangélicos, tendo na Bíblia única fonte de irrefutável consulta, procurando inumar os vieses da História, ignorando outras vias de informação, conhecimento e saber, inadimplam, inocente e impiedosamente, a dialética da Leitura, em quaisquer dos seus níveis. Mais uma vez, a leitura emocional ou de transição.

Outra face do desinteresse pela leitura escrita é o advento da Era Eletrônica, sustentada não apenas pela televisão, embora esta seja o seu escudeiro, mas pelo rádio também, contribuindo, destarte, para arrefecer o culto ao livro, à palavra impressa. Isto deve-se, por incrível que pareça, aos próprios intelectuais, fomentando a cegueira, a alexia; a leitura sendo restrita, acintosamente, literalmente analisando, ao nível sensorial, o que, a continuar assim, jamais podemos pensar, em termos coletivos, numa ruptura com a passividade.

Daí que gostar de ler é um exercício que não se aprende sob a batuta de mestres. O mestre somos nós mesmos, imbuídos de insistência, perseverança - força de vontade, vontade de saber, de conhecer.

Quando Paulo Freire, do alto da sua experiência e da sua erística, disse que "A leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele", estava nos mostrando o quanto é importante aguçar a curiosidade, desmitificar a fantasia e não confiar cegamente no "apocalipse" do que se ouve - ou se lê - na rotina do cotidiano. É preciso experimentar, manusear, sentir, uma vez que **LEITURA** é uma interação da subjetividade, representada pelas coisas interiores (do ser), e da objetividade, escudada nas perspectivas exteriores. E aqui caberia uma observação relaxante de Roland Barthes: "Para ler, pelo menos gulosamente, é preciso ler fora de toda a responsabilidade; o leitor, então, **consome** o texto sem perguntar **como** ele foi feito". Claro está que permanecer aí é ser conivente com a voracidade dos símbolos que nos são impostos em detrimento do livre-pensar do homem desfavorecido das benesses do Poder.

Ler por ler, simplesmente devorando textos, termina levando o leitor ao tédio, e até ao absenteísmo. É preciso ler além das palavras, inquirendo o próprio autor, numa dialética constante, posto que ler é duvidar para depois encontrar-se com o texto, entrar na intimidade da idéia transmitida, devassá-la, só assim torna-se mais fácil imiscuir-se no contexto e vivê-lo, numa interação/integração emissor-receptor.

Um dos pontos cruciantes do pouco hábito de leitura é o vestibular. Pouco afeitos à prática da leitura, os que postulam um curso superior raramente se dão conta de que o fracasso ou o sucesso está intimamente vinculado ao exercício de ler, não só livros didáticos, pois aí seria limitar a nossa capacidade perceptiva, e com um agravante: esses leitores se preocupam muito com a **correção** do professor, e se condicionam, irremediavelmente, a uma prévia e sutil censura, o que é pior. Talvez por isto o vestibular represente, para a maioria, um deletério, um monstro, uma diáspora ou algo símile. Se analisarmos pelo ângulo da sua excludência, sim; em termos de leitura, não.

À parte as considerações, para confirmar o exposto, **Reunir Letras** consultou as principais livrarias e bibliotecas de Porto Velho, procurando saber a preferência de leitura da população. Para a nossa surpresa, descobriu-se que o que o leitor mais busca são os livros sobre esoterismo. No que concerne a venda, nas livrarias, a leitura mais procurada é da área de Direito.

Glória Valadares, diretora da Biblioteca Municipal Francisco Meireles, diz que há uma **comunidade** escolar e outra não-escolar, usuária da biblioteca, ou seja, é um espaço eclético de leitura.

Os estudantes - seu público nato - a procuram conforme o programa curricular da Escola, obedecendo a uma verdadeira "cronologia cívica", por procurá-la consoante a rigidez de tal programa, de acordo com o mês que isto ou aquilo é lembrado oficialmente, por força da legislação. Por exemplo, no mês de março, a data que mais leva o estudante a frequentar a biblioteca, dentre outras, é a do golpe militar de 1964; em abril, a morte de Tiradentes; em maio, o dia das mães; em junho, o folclore; em setembro, a semana da pátria, e assim por diante.

Em suma, as bibliotecas atendem mais, em função da procura, na área de pesquisa escolar. Fora desse âmbito, as biografias são bastante apreciadas, embora por um público-leitor bem restrito. Na biblioteca do SESC, a preferência de leitura é por jornais e revistas noticiosos, mesmo sabendo que o seu acervo é bem diversificado, eclético. Para aquele espaço lítero-cultural aflui um grande número de estudantes, também.

Eis, pois, o resultado da pesquisa:

Livraria da Rose - livros mais vendidos

- O Alquimista, de Paulo Coelho
- Brida, de Paulo Coelho
- Diário de um mago, de Paulo Coelho
- Estorvo, de Chico Buarque
- Virando a própria mesa, de Ricardo Semler
- Ame e dê vexame, de Roberto Freire
- Sem tesão não há solução, de Roberto Freire.

Área de maior procura: Direito

Livraria Cultural - livros mais vendidos

- 1968 - o ano que não terminou, de Zuenir Ventura
- Acima de qualquer suspeita, de Scott Turow
- Alegria e triunfo, de Lourenço Prado
- O Alquimista, de Paulo Coelho
- Briga, de Paulo Coelho
- Ame e dê vexame, de Roberto Freire
- Dançando na luz, de Shirley MacLaine
- Feliz ano velho, de Marcelo Rubens Paiva
- Iacocca - uma autobiografia, de Lee Iacocca
- Made in Japan, de Lee Iacocca
- O maior vendedor do mundo, de Og Mandino
- Minhas vidas, de Shirley MacLaine
- Minidicionário Aurélio, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
- Minutos de sabedoria, de Pastorine
- O poder do subconsciente, de Joseph Murphy

Livraria Cultural - livros mais vendidos

- O poder do subconsciente, de Joseph Murphy
- Novíssima gramática da Língua Portuguesa, de Cegala

Área de maior procura: Direito

Biblioteca Municipal Francisco Meireles - Livros mais lidos:

- A terceira visão, de Lobsang Rampa
- O médico de Ihasa, idem
- Você e a eternidade, idem
- Sabedoria dos Lamas, idem
- O outro lado da meia noite, de Sidney Sheldon
- A herdeira, de Sidney Sheldon
- A erva do diabo, Carlos Castaneda
- Uma estranha realidade, de Carlos Castaneda
- Viagem a Ixtlan, de Carlos Castaneda
- Diário de um mago, de Paulo Coelho
- Brida, de Paulo Coelho
- O Alquimista, de Paulo Coelho
- Obras de Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, José de Alencar, Eça de Queiros, Menotti del Pichia.
- Obras de Aldous Huxley
- Feliz ano velho, de Marcelo Rubens Paiva
- Virando a própria mesa, de Ricardo Semler

Biblioteca do Sesc - Livros mais lidos:

- Obras de José de Alencar, Machado de Assis
- Obras de Graciliano Ramos, Jorge Amado
- Obras de Sidney Sheldon
- Estorvo, de Chico Buarque
- O Alquimista, de Paulo Coelho

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo, 12ª ed. Ed. Brasilense, 1990

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade**. - por uma nova concepção da língua materna e seu ensino. Porto Alegre, LfPM, 1985.